



ALISTER E. McGRATH

TEOLOGIA

SISTEMÁTICA, HISTÓRICA E FILOSÓFICA

UMA INTRODUÇÃO À TEOLOGIA CRISTÃ

EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA



Sumário completo

Lista de ilustrações	21
Prefácio	23
Intruções para o aluno: como usar este livro	27
Intruções para o professor: como usar este livro	29
A estrutura do livro: a quinta e a sexta edições comparadas	33

PARTE I: PRINCIPAIS MARCOS: PERÍODOS, TEMAS E PERSONALIDADES DA TEOLOGIA CRISTÃ 35

Introdução	37
-----------------	----

1. O período patrístico, c. 100-700 39

OS PRIMEIROS CENTROS DE ATIVIDADE TEOLÓGICA	39
--	----

UMA VISÃO GERAL DO PERÍODO PATRÍSTICO	40
--	----

Esclarecimento dos termos	40
--------------------------------	----

O programa teológico do período	43
--------------------------------------	----

TEÓLOGOS FUNDAMENTAIS	45
----------------------------	----

Justino Mártir (c. 100—c. 165)	45
-------------------------------------	----

Ireneu de Lion (c. 130—c. 202)	45
-------------------------------------	----

Tertuliano (c. 160—c. 220)	46
---------------------------------	----

Orígenes (c. 185—c. 254)	46
-------------------------------	----

Cipriano de Cartago (m. 258)	46
-----------------------------------	----

Atanásio (c. 293-373)	47
----------------------------	----

Os pais capadóciolos	47
---------------------------	----

Agostinho de Hipona (354-430)	48
------------------------------------	----

DEBATES E DESENVOLVIMENTOS TEOLÓGICOS CRUCIAIS	49
---	----

A ampliação do cânone do Novo Testamento	49
---	----

O papel da tradição: as controvérsias gnósticas	50
--	----

A definição dos credos ecumênicos	52
--	----

As duas naturezas de Cristo: a controvérsia ariana	54
---	----

- A doutrina da Trindade 56
- A doutrina da igreja: a controvérsia donatista 57
- A doutrina da graça: a controvérsia pelagiana 58

NOMES, TERMOS E FRASES ESSENCIAIS 59

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 1 59

2. A Idade Média e o Renascimento, c. 700—c. 1500 61

DEFININDO A “IDADE MÉDIA” 62

MARCOS TEOLÓGICOS NA EUROPA OCIDENTAL 65

- O surgimento de escolas medievais de teologia 65

- A fundação de universidades 67

- Um guia teológico: Os quatro livros de sentenças 67

- “Catedrais da mente”: escolasticismo 68

- O Renascimento italiano e o surgimento do humanismo 69

TEOLOGIA BIZANTINA: PRINCIPAIS TEMAS 70

TEÓLOGOS FUNDAMENTAIS 73

- João Damasceno (c. 676-749) 73

- Simão, o novo teólogo (c. 949-1022) 73

- Anselmo de Cantuária (c. 1033-1109) 74

- Tomás de Aquino (c. 1225-1274) 75

- Duns Scotus (c. 1266-1308) 76

- Guilherme de Occam (c. 1285-1347) 77

- Erasmus de Roterdã (1466-1536) 78

DEBATES E DESENVOLVIMENTOS TEOLÓGICOS CRUCIAIS 79

- A consolidação do legado patrístico 79

- A exploração do papel da razão na teologia

- Escolasticismo: o desenvolvimento de sistemas teológicos 81

- O desenvolvimento de uma teologia dos sacramentos 81

- O desenvolvimento da teologia da graça 82

- O papel de Maria no plano da salvação 82

- O Renascimento: retorno às fontes originais da teologia 82

NOMES, TERMOS E FRASES ESSENCIAIS 84

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 2 84

3. O período da Reforma, c. 1500—c. 1750 85

OS PRINCIPAIS MOVIMENTOS DO PERÍODO DA REFORMA 85

- A reforma alemã: luteranismo 86

- A reforma suíça: a igreja reformada 88

- A reforma radical: anabatismo 89

- A reforma inglesa: anglicanismo 90

- A reforma católica 91

- A segunda Reforma: confessionalização 92

MOVIMENTOS PÓS-REFORMA	93
A consolidação do catolicismo	93
Puritanismo	94
Pietismo	95
AS CONTROVÉRSIAS DE COPÉRNICO E GALILEU	96
TEÓLOGOS FUNDAMENTAIS	98
Martinho Lutero (1483-1546)	98
Ulrico Zuínglio (1484-1531)	99
João Calvino (1509-1564)	100
Teresa d'Ávila (1515-1582)	100
Teodoro de Beza (1519-1605)	101
Roberto Belarmino (1542-1621)	101
Johann Gerhard (1582-1637)	101
Jonathan Edwards (1703-1758)	102
DEBATES E DESENVOLVIMENTOS CRUCIAIS DA TEOLOGIA	102
As fontes da teologia	102
A doutrina da graça	103
A doutrina dos sacramentos	104
A doutrina da igreja	104
DESENVOLVIMENTOS NA LITERATURA TEOLÓGICA	105
Os catecismos	105
As confissões de fé	107
As obras de teologia sistemática	108
NOMES, TERMOS E FRASES ESSENCIAIS	111
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 3	111
4. A Idade Moderna, c. 1750 — até os dias atuais	113
A TEOLOGIA E OS DESENVOLVIMENTOS CULTURAIS NO OCIDENTE	113
As guerras de religião e o desinteresse na religião	114
O surgimento do Iluminismo	115
A crítica iluminista em relação à teologia cristã: alguns casos de estudo	117
O marxismo: um rival intelectual para o cristianismo	119
Darwinismo: uma nova teoria da origem humana	120
A Primeira Guerra Mundial: uma teologia sobre a crise	121
Pós-modernismo: além da agenda teológica moderna	123
Globalização: cristianismo mundial e as religiões mundiais	125
TEÓLOGOS FUNDAMENTAIS	129
F. D. E. Schleiermacher (1768-1834)	129
John Henry Newman (1801-1890)	130
Karl Barth (1886-1968)	130
Paul Tillich (1886-1965)	130
Karl Rahner (1904-1984)	131

Hans Urs von Balthasar (1905-1988) 131

Jürgen Moltmann (n. 1926) 132

Wolfhart Pannenberg (1928-2014) 132

PRINCIPAIS MOVIMENTOS TEOLÓGICOS MODERNOS 133

O protestantismo liberal 133

O modernismo 135

A neo-ortodoxia 137

As teologias da libertação 139

O feminismo 141

A teologia negra e “mulherista” 144

O pós-liberalismo 146

A ortodoxia radical 148

NOMES, TERMOS E FRASES ESSENCIAIS 149

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 4 149

PARTE II: FONTES E MÉTODOS 151

5. Passo inicial: as preliminares 153

O QUE É A FÉ? 153

DEFINIÇÃO DE TEOLOGIA 155

Uma definição prática de teologia 156

O desenvolvimento histórico da ideia de teologia 157

A evolução da teologia como disciplina acadêmica 159

A ARQUITETURA DA TEOLOGIA 162

Estudos bíblicos 162

Teologia sistemática 163

Teologia filosófica 164

Teologia histórica 165

Teologia pastoral ou prática 167

Espiritualidade ou teologia mística 168

Apologéticas 169

A QUESTÃO DO PROLEGOMENA 170

COMPROMISSO E IMPARCIALIDADE NA TEOLOGIA 172

ORTODOXIA E HERESIA 174

Aspectos históricos 175

Aspectos teológicos 176

A TEOLOGIA DA RELAÇÃO ENTRE O CRISTIANISMO E A CULTURA SECULAR 178

Justino Mártir (c. 100—c. 165) 178

Tertuliano (c 160—c. 220) 179

Agostinho de Hipona (354-430) 180

O século XX: H. Richard Niebuhr (1894-1962) 182

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 5 184

6. As fontes da teologia 185

AS ESCRITURAS 185

O Antigo Testamento 186

O Novo Testamento 187

Outras obras: escritos deuterocanônicos e apócrifos 188

A relação entre o Antigo e o Novo Testamentos 192

O cânone da Escritura: questões históricas e teológicas 194

A palavra de Deus 196

Teologia narrativa 198

Métodos de interpretação bíblica 201

Teorias sobre a inspiração das Escrituras 209

A TRADIÇÃO 211

A teoria da tradição fundamentada em uma única fonte 213

A teoria da tradição fundamentada em duas fontes 216

A completa rejeição da tradição 217

Teologia e adoração: a importância da tradição litúrgica 218

A RAZÃO 219

Razão e revelação: três modelos 219

O racionalismo iluminista 222

As críticas ao racionalismo iluminista 223

A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA 225

A experiência como base da teologia cristã 227

A teologia se conecta com a experiência humana 227

A teologia como o intérprete da experiência humana 228

Deus como uma interpretação equivocada da experiência humana 229

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 6 231

7. O conhecimento de Deus: natural e revelado 233

O CONCEITO DE REVELAÇÃO 234

MODELOS DE REVELAÇÃO 235

A revelação como doutrina 236

A revelação como presença 238

A revelação como experiência 239

A revelação como história 240

A TEOLOGIA NATURAL: SEUS LIMITES E SEU ALCANCE 242

A perspectiva de Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a questão da teologia natural 243

A perspectiva de João Calvino (1509-64) sobre a questão da teologia natural 246

- O Renascimento: dois livros de Deus 248
- A perspectiva da ortodoxia oriental sobre a teologia natural 249
- O debate Barth-Brunner (1934) 250

ABORDAGENS PARA DISCERNIR DEUS NA NATUREZA 252

- A razão humana 252
- A ordenação do mundo 253
- A beleza do mundo 253

AS CIÊNCIAS NATURAIS E A TEOLOGIA CRISTÃ: MODELOS DE INTERAÇÃO 254

- Combate: a tese do “conflito” 255
- Isolamento: a tese da “não sobreposição” 256
- Enriquecimento: a tese da complementariedade 257

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 7 258

8. Filosofia e teologia: diálogo e debate 259

FILOSOFIA E TEOLOGIA: A NOÇÃO DE SUBORDINAÇÃO 261

- É possível provar a existência de Deus? Quatro abordagens 263
- O argumento ontológico de Anselmo de Cantuária (c. 1033-1109) 264
- As cinco vias de Tomás de Aquino (c. 1225-1274) 268
- O argumento *kalam* 271
- O argumento clássico do desígnio: William Paley (1743-1805) 273

A NATUREZA DA LINGUAGEM TEOLÓGICA 276

- A linguagem teológica se refere a algo? 276
- Abordagens apofática (negativa) e catafática (positiva) 278

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 8 288

PARTE III: A TEOLOGIA CRISTÃ 289

9. A doutrina de Deus 291

DEUS PERTENCE AO GÊNERO MASCULINO? 291

UM DEUS PESSOAL 294

- Definição do termo “pessoa” 296
- Personalismo dialógico: Martin Buber (1878-1965) 298

DEUS PODE SOFRER? 301

- A visão clássica: a impassibilidade de Deus 301
- O século XX: uma mudança de paradigma? 303
- Um Deus que sofre: Jürgen Moltmann (n. 1926) 306
- Deus pode morrer? 308

A ONIPOTÊNCIA DE DEUS 310

- Definindo onipotência 311
- Os dois poderes de Deus 312
- A noção da autolimitação divina 314

A AÇÃO DE DEUS NO MUNDO	315
Ação divina “especial” e “geral”	315
Deísmo: Deus age por intermédio das leis da natureza	316
Tomismo: Deus age por intermédio de causas secundárias	318
Teologia do processo: Deus age por intermédio da persuasão	319
DEUS COMO CRIADOR	321
Desenvolvimento da doutrina da criação	322
A criação e a rejeição do dualismo	324
A doutrina da criação de Agostinho de Hipona (354-430)	325
A doutrina da criação ex nihilo	327
Implicações da doutrina da criação	328
Modelos de Deus como Criador	330
A criação e as abordagens cristãs à ecologia	332
TEODICEIAS: O PROBLEMA DO MAL	334
Ireneu de Lyon (c. 130—c. 202)	334
Agostinho de Hipona (354-430)	336
Karl Barth (1886-1968)	337
Alvin Plantinga (n. 1932)	338
Contribuições recentes	339
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 9	340
10. A pessoa de Jesus Cristo	341
O LUGAR DE JESUS CRISTO NA TEOLOGIA CRISTÃ	342
Jesus Cristo é o ponto de partida histórico para o cristianismo	342
Deus se revela em Jesus Cristo	343
Jesus Cristo é o portador da salvação	343
Jesus Cristo define o modelo da vida redimida	344
TÍTULOS CRISTOLÓGICOS DO NOVO TESTAMENTO	344
O Messias	345
O Filho de Deus	346
O Filho do Homem	347
O Senhor	348
O Salvador ...	348
Deus	350
O DEBATE PATRÍSTICO SOBRE A PESSOA DE CRISTO	351
As primeiras investigações: ebionismo e docetismo	352
Justino Mártir (c.100—c. 165): o Logos da cristologia	354
Ário (c. 260—c. 336): Jesus Cristo como “supremo entre as criaturas”	356
Atanásio (c. 293-373): Jesus Cristo como Deus encarnado	358
A Escola de Alexandria: apolinarianismo e suas críticas	360
A Escola de Antioquia: Teodoro de Mopsuéstia (c. 350-428)	362

A “comunicação dos atributos”	364
O Concílio da Calcedônia (451)	366
CRISTOLOGIA MEDIEVAL: A RELAÇÃO ENTRE A ENCARNAÇÃO E A QUEDA	367
A RELAÇÃO ENTRE A PESSOA DE CRISTO E SUA OBRA	368
MODELOS CRISTOLÓGICOS: CLÁSSICO E CONTEMPORÂNEO	370
A presença substancial de Deus em Cristo	372
Cristo como o mediador entre Deus e a humanidade	373
A presença reveladora de Deus em Cristo	375
Cristo como a presença simbólica de Deus	377
Cristo como o portador do Espírito Santo	378
Cristo como o exemplo de uma vida piedosa	380
Cristo como um herói	382
Abordagens cristológicas quenóticas (<i>kénosis</i>)	383
A BUSCA PELO JESUS HISTÓRICO	385
A busca original pelo Jesus histórico	385
A busca pela personalidade religiosa de Jesus	387
A crítica da busca, 1890-1910	388
A busca suspensa: Rudolf Bultmann (1884-1976)	390
A nova busca pelo Jesus histórico	390
A terceira busca pelo Jesus histórico	393
A RESSURREIÇÃO DE CRISTO: HISTÓRIA E INTERPRETAÇÃO	394
O Iluminismo: a ressurreição como não evento	394
David Friedrich Strauss (1808-1874): a ressurreição como mito	395
Rudolf Bultmann (1884-1976): a ressurreição como um evento na experiência dos discípulos	395
Karl Barth 1886-1968): a ressurreição como um evento histórico além da inquirição crítica	396
Wolfhart Pannenberg (1928-2014): a ressurreição como um evento histórico aberto à inquirição crítica	397
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 10	399
11. A natureza e base da salvação	401
DIFERENTES PERSPECTIVAS CRISTÃS A RESPEITO DA SALVAÇÃO	403
A salvação está ligada a Jesus Cristo	404
Jesus Cristo é o modelo da salvação	406
A dimensão escatológica da salvação	407
O FUNDAMENTO DA SALVAÇÃO: A CRUZ DE CRISTO	408
A cruz como sacrifício	409
A cruz como vitória	415
A cruz e o perdão	420
A cruz como uma demonstração do amor de Deus	429
A violência e a cruz: a teoria de René Girard (1923-2015)	435

“UM SALVADOR DO GÊNERO MASCULINO PODE SALVAR AS MULHERES?”	
PERSPECTIVA FEMINISTA SOBRE A EXPIAÇÃO	436
MODELOS DE SALVAÇÃO EM CRISTO CLÁSSICO E CONTEMPORÂNEO	438
Algumas imagens paulinas da salvação	439
Deificação: sendo tornado divino	440
A justiça aos olhos de Deus	441
A santidade pessoal	442
A verdadeira existência humana	444
Libertação política	444
Liberdade espiritual	445
A APROPRIAÇÃO DA SALVAÇÃO EM CRISTO	446
A igreja como o meio de salvação	446
Cristo como um representante	447
A participação em Cristo	448
Cristo como um substituto	448
O ESCOPO DA SALVAÇÃO EM CRISTO	448
O universalismo: todos serão salvos	459
Somente os que crerem serão salvos	450
A salvação particular: somente os eleitos serão salvos	451
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 11	452
12. O Espírito Santo	453
O TESTEMUNHO BÍBLICO	453
O PERÍODO PATRÍSTICO	454
As primeiras reflexões patrísticas: Ireneu de Lyon (c. 130—c. 202)	455
Atanásio (c. 293-373): o debate sobre a divindade do Espírito Santo	457
O Concílio de Constantinopla (381)	458
Agostinho de Hipona (354-430): o espírito como um elo de união	460
Os símbolos do Espírito: a pomba, o fogo e o óleo	461
A CONTROVÉRSIA <i>FILIOQUE</i>	463
O ESPÍRITO SANTO: AS DISCUSSÕES RECENTES	468
O grande avivamento: Jonathan Edwards (1703-1758)	469
O Concílio Vaticano II sobre o Espírito Santo	470
A teologia da libertação: o Espírito e a capacitação	471
O feminismo: o Espírito e a relacionalidade	473
AS FUNÇÕES DO ESPÍRITO	475
A presença ativa de Deus no mundo	475
O esclarecimento da revelação	476
A apropriação da salvação	477
A renovação da vida cristã	478
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 12	480

13. A Trindade 481

- ABORDAGEM À DOCTRINA CRISTÃ DA TRINDADE 481
 - A aparente falta de lógica da doutrina 481
 - A Trindade como uma declaração sobre Jesus Cristo 484
 - A Trindade como uma declaração sobre o Deus cristão 484
 - As críticas islâmicas à doutrina da Trindade 484
- OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA DOCTRINA DA TRINDADE 485
- O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA DOCTRINA 486
 - O surgimento do vocabulário trinitário 488
 - O surgimento dos conceitos trinitários 489
 - As críticas racionalistas ao trinitarianismo: a eclipse da Trindade, 1700-1900 491
 - O problema da visualização: analogias para a Trindade 493
 - As abordagens “econômica” e “essencial” para a Trindade 494
- DUAS HERESIAS RELATIVAS À TRINDADE 495
 - O modalismo: cronológico e funcional 495
 - O triteísmo 497
 - A Trindade: seis abordagens clássicas e contemporâneas 498
 - Os pais capadóciolos 499
 - Agostinho de Hipona (354-430) 500
 - Karl Barth (1886-1968) 503
 - Karl Rahner (1904-1968) 505
 - John Macquarrie (1919-2007) 507
 - Robert Jenson (1930-2017) 508
- ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A TRINDADE NA TEOLOGIA RECENTE 510
 - F. D. E. Schleiermacher (1768-1834) sobre a localização dogmática da Trindade 510
 - Jürgen Moltmann (n. 1926) sobre a Trindade social 511
 - Eberhard Jüngel (n. 1934) sobre a Trindade e a metafísica 512
 - Catherine Mowry LaCugna (1952-1997) sobre a Trindade e a salvação 513
 - Sarah Coakley (n. 1951) sobre o feminismo e a Trindade 515
- O RENASCIMENTO TRINITÁRIO: ALGUNS EXEMPLOS 516
 - Uma teologia trinitária da missão 517
 - Uma teologia trinitária da adoração 518
 - Uma teologia trinitária da expiação 519
 - Uma eclesiologia trinitária 520
- PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 13 521

14. A natureza humana, o pecado e a graça 523

O LUGAR DA HUMANIDADE NA CRIAÇÃO: PRIMEIRAS REFLEXÕES 523

A imagem de Deus 523

O conceito de pecado 526

AGOSTINHO DE HIPONA (354-430) E A CONTROVÉRSIA PELAGIANA 527

O “livre arbítrio” 528

A natureza do pecado 530

A natureza da graça 531

O fundamento da salvação 533

A SÍNTESE MEDIEVAL DA DOUTRINA DA GRAÇA 534

O legado de Agostinho 534

A distinção medieval entre a graça real e a habitual 536

A crítica medieval tardia da graça habitual 537

A crítica medieval tardia sobre a natureza e o fundamento do mérito 538

OS DEBATES DA REFORMA SOBRE A DOUTRINA DA GRAÇA 539

Da “salvação pela graça” à “justificação pela fé” 539

O progresso teológico de Martinho Lutero (1483-1546) 540

Lutero e a fé justificadora 542

O conceito forense de justificação 543

João Calvino (1509-1564) e a justificação 545

A justificação no Concílio de Trento 546

A DOUTRINA DA PREDESTINAÇÃO 550

Agostinho de Hipona (354-430) 550

Debates católicos: tomismo, molinismo e jansenismo 552

Debates protestantes: calvinismo e arminianismo 553

Karl Barth (1886-1968) 556

Predestinação e economia: a tese de Weber 558

A CONTROVÉRSIA DARWINISTA E A NATUREZA DA HUMANIDADE 560

Criacionismo da terra jovem 561

Criacionismo da terra velha 562

Desígnio inteligente 562

Teísmo evolucionário 563

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 14 564

15. A Igreja 565

MODELOS BÍBLICOS DA IGREJA 565

O Antigo Testamento 565

O Novo Testamento 566

O INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO DA ECLESIOLOGIA 568

A CONTROVÉRSIA DONATISTA 570

AS PRIMEIRAS DOUTRINAS PROTESTANTES DA IGREJA 573

Martinho Lutero (1483-1546) 574

João Calvino (1509-1564) 575

A reforma radical 577

CRISTO E A IGREJA: ALGUNS TEMAS DO SÉCULO XX 580

Cristo está presente por intermédio dos sacramentos 580

Cristo está presente por intermédio da palavra 582

Cristo está presente por intermédio do Espírito 583

O CONCÍLIO VATICANO II SOBRE A IGREJA 584

A igreja como comunhão 586

A igreja como o povo de Deus 586

A igreja como uma comunidade carismática 587

AS MARCAS DA IGREJA 588

“Uma só” igreja 588

Uma igreja “santa” 592

Uma igreja “católica” 594

Uma igreja “apostólica” 598

SACERDÓCIO E MINISTÉRIO: ALGUNS TEMAS IMPORTANTES 600

PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 15 603

16. Os sacramentos 605

O PRIMEIRO DESENVOLVIMENTO DA TEOLOGIA DOS SACRAMENTOS 606

A DEFINIÇÃO DE SACRAMENTO 608

A CONTROVÉRSIA DONATISTA: A EFICÁCIA DOS SACRAMENTOS 612

AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DOS SACRAMENTOS 615

Os sacramentos comunicam graça 615

Os sacramentos fortalecem a fé 616

Os sacramentos intensificam a unidade e o compromisso da igreja 618

Os sacramentos renovam nossa confiança nas promessas de Deus 620

Um caso de estudo na complexidade: as funções da eucaristia 622

A EUCHARISTIA: A QUESTÃO DA PRESENÇA REAL 625

Os debates do século IX sobre a questão da presença real 626

As percepções medievais sobre a relação entre “sinal” e “sacramento” 627

A transsubstanciação 629

A transsignificação e a transfinalização 631

Consubstanciação	633
A ausência real: o memorialismo	633
A POLÊMICA SOBRE O BATISMO INFANTIL	634
O batismo infantil expia a culpa do pecado original	635
O batismo infantil baseia-se na aliança entre Deus e a igreja	636
O BATISMO INFANTIL NÃO SE JUSTIFICA	637
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 16	639
17. O cristianismo e as religiões mundiais	641
O PLURALISMO NO OCIDENTE E O PROBLEMA DAS DEMAIS RELIGIÕES	643
A abordagem imparcial	644
A abordagem comprometida	644
DIVERSAS PERSPECTIVAS ACERCA DAS RELIGIÕES	645
A perspectiva iluminista: as religiões vistas como deturpação da religião natural originária	646
Ludwig Feuerbach (1804-1872): a religião como forma de objetivação do sentimento humano	648
Karl Marx (1818-1883) : a religião como fruto da alienação socioeconômica	649
Sigmund Freud (1856-1939): a religião como a satisfação dos desejos	651
Emile Durkheim (1858-1917): a religião e o ritual	652
Mircea Eliade (1907-1986): a religião e o sagrado	653
J. R. R. Tolkien (1892-1973) e C. S. Lewis (1898-1963): a religião como mito	654
Karl Barth (1886-1968) e Dietrich Bonhoeffer (1906-1945): a religião como uma invenção humana	655
As teologias trinitárias da religião	658
PERSPECTIVAS CRISTÃS ACERCA DAS DEMAIS RELIGIÕES	659
O exclusivismo	660
O inclusivismo	663
O pluralismo	668
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 17	672
18. As últimas coisas: a esperança cristã	673
A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS	674
O Novo Testamento	674
O cristianismo primitivo e as crenças romanas sobre a reunião após a morte	676
Agostinho de Hipona (354-430): as duas cidades	678
Joaquim de Fiore (c.1132-1202): as três eras	679
Dante Alighieri (1265-1321): a <i>Divina comédia</i>	680

O Iluminismo: a escatologia como superstição	682
O século XX: a redescoberta da escatologia	683
Rudolf Bultmann (1884-1976): a demitologização da escatologia	684
Jürgen Moltmann (n. 1926): a teologia da esperança	686
Helmut Thielicke (1908-1986): ética e escatologia	687
O dispensacionalismo: as estruturas da escatologia	688
<i>Spe salvi</i> : Bento XVI (n. 1927) sobre a esperança cristã	689
N. T. Wright (n. 1948) sobre (não) ir para o céu	691
AS ÚLTIMAS COISAS	693
O inferno	693
O purgatório	695
O milênio	697
O amilenarismo	698
Pré-milenarismo	698
O pós-milenarismo	699
O céu	699
PERGUNTAS PARA O CAPÍTULO 18	704
Glossário de termos teológicos	705
Fontes de citações	717
Agradecimentos	727

Lista de ilustrações

MAPAS

- 1.1. O Império Romano e a Igreja, no século IV 41
- 2.1 Principais centros teológicos e eclesiais da Europa ocidental, na Idade Média 64
- 3.1 Centros de atividades teológica e eclesiástica na Europa na época da Reforma 87

QUADROS

- 6.1 Abreviações dos livros da Bíblia 190
- 6.2 Referências aos livros da Bíblia 191
- 6.3 Termos comuns usados em relação à Bíblia 191

FIGURAS

- 1.1 A antiga cidade de Cartago 42
- 1.2 O imperador romano Constantino (272-337; reinou de 306-37) 43
- 1.3 O Concílio de Niceia 54

- 2.1 O antigo monastério de Fulda, fundado em 744 65
- 2.2 A antiga cidade de Constantinopla 71
- 2.3 Desidério Erasmo de Roterdã (1466-1536) 78

- 3.1 Martinho Lutero (1483-1546) 88
- 3.2 Sessão no Concílio de Trento 92
- 3.3 *Institutas da religião cristão*, de João Calvino 110

- 4.1 F. D. E. Schleiermacher (1768-1834) 129
- 4.2 Karl Barth (1886-1968) 138

- 5.1 Agostinho de Hipona (354-430) 180

- 6.1 O Códice Sinaítico, um manuscrito com data de meados do século IV
que contém a mais antiga cópia completa do Novo Testamento 188
- 6.2 A *quadriga* do portão de Brandenburgo, Berlim 204
- 6.3 A pregação de Paulo retratada por Rafael (1515-1516) 212

O período patrístico

c. 100—c. 700

O cristianismo teve suas origens na Palestina mais especificamente na região da Judeia, em particular na cidade de Jerusalém. Esse movimento via a si mesmo como uma continuação e uma evolução do judaísmo e, a princípio, floresceu em regiões às quais o judaísmo estava tradicionalmente associado, sobretudo na Palestina. Entretanto, rapidamente se espalhou para as regiões vizinhas, em parte por meio dos esforços dos primeiros evangelistas cristãos, como Paulo de Tarso.

OS PRIMEIROS CENTROS DE ATIVIDADE TEOLÓGICA

Ao final do século I, o cristianismo parece haver se estabelecido por toda a região banhada pelo Mediterrâneo Oriental e, até mesmo, adquirido uma presença significativa na cidade de Roma, a capital do Império Romano. À medida que a igreja em Roma se tornava cada vez mais poderosa, começaram a surgir tensões entre a liderança cristã em Roma e as grandes cidades do Império Romano no Oriente, como Alexandria e Antioquia. O império ocidental era agora governado por Roma, e o oriental pela grande nova cidade imperial de Constantinopla; presagiando o cisma posterior entre as igrejas ocidental e oriental, respectivamente concentradas nesses centros de poder.

Nesse processo de expansão surgiram diversas regiões que se tornaram importantes centros de debate teológico. Três delas podem ser apontadas como detentoras de importância especial, das quais as duas primeiras falavam o grego e a terceira, o latim.

- 1 *A cidade de Alexandria, no Egito atual, se destacou como um centro de educação teológica cristã.* Um estilo teológico característico veio a ser associado a essa cidade, o qual retrata sua antiga associação com a tradição platônica. O estudante encontrará referências a abordagens “alexandrinas” em áreas como a cristologia (a área da teologia que lida com a identidade e relevância de Jesus Cristo) e a interpretação bíblica (vide pp. 119; 659-60), o que reflete tanto a importância quanto a peculiaridade do estilo de cristianismo associado a essa região.

- 2 *A cidade de Antioquia e a região vizinha da Capadócia, na atual Turquia.* Em uma primeira fase, uma forte presença cristã veio a consolidar-se nessa região norte do Mediterrâneo Oriental. Algumas das viagens missionárias de Paulo o levaram até essa região. A Antioquia se destaca de maneira significativa em vários pontos da história da igreja primitiva, conforme registrado em Atos dos Apóstolos. A própria cidade de Antioquia logo se tornou um importante centro do pensamento cristão. Como Alexandria, foi associada a abordagens específicas com respeito à cristologia e à interpretação bíblica. O termo “antioqueno” é frequentemente utilizado para designar esse estilo teológico característico (vide pp. 119; 660-2). Os “pais capadócios” também tiveram uma importante presença nessa região, em termos de teologia, no século IV, especialmente notável por sua contribuição à doutrina da Trindade.
- 3 *O norte da África Ocidental, especialmente as áreas das atuais Argélia e Tunísia.* Nesse local, ao final do período clássico, ficava Cartago, importante cidade mediterrânea e, em um certo momento, adversária política de Roma, pois ambas disputavam o domínio da região. No período em que o cristianismo se espalhou por essa área, essa cidade era uma colônia romana. Entre os importantes escritores da região estão Tertuliano (c. 160—c. 220), Cipriano de Cartago (m. 258) e Agostinho de Hipona (354-430).

Com o tempo, outras cidades do Mediterrâneo — como Roma, Constantinopla, Milão e Jerusalém —, também passaram a ser centros do pensamento da vida e pensamento cristãos.

UMA VISÃO GERAL DO PERÍODO PATRÍSTICO

O período patrístico representa um dos mais empolgantes e criativos da história do pensamento cristão. Esse período também é importante por motivos teológicos. Todos os principais ramos da igreja cristã — incluindo as igrejas anglicana, ortodoxa oriental, luterana, reformada e católica-romana — consideram o período patrístico como um marco decisivo na evolução da doutrina cristã. Cada uma dessas igrejas se considera como uma continuação, uma extensão e, naquilo que for necessário, uma crítica às visões dos escritores da igreja primitiva. Por exemplo, Lancelot Andrewes (1555-1626), importante escritor anglicano do século XVII, afirmou que o ramo principal do cristianismo baseava-se em dois testamentos, três credos, quatro evangelhos e nos cinco primeiros séculos de história cristã.

Esclarecimento dos termos

O termo “patrístico” vem da palavra latina *pater*, “pai”, e tanto designa o período referente aos pais da igreja quanto as ideias características que se desenvolveram ao longo desse período. O termo é não inclusivo; ainda não havia



Mapa 1. O Império Romano e a igreja no século IV (observe que são utilizados os nomes atuais dos lugares, e não os antigos).

surgido na literatura algum termo inclusivo que fosse aceitável por todos. Por essa razão, alguns preferem falar sobre “teólogos da igreja primitiva”, em vez de “teólogos patrísticos”. Manteremos o termo “patrístico” nesta obra como ainda é amplamente usado para se referir à teologia desse período de formação. Os termos a seguir relacionados são encontrados com frequência e devem ser registrados.

- *Período patrístico.* Esse termo representa algo definido de forma vaga que frequentemente é considerado como o período a partir do término dos documentos do Novo Testamento (c. 100) até o decisivo Concílio da Calcedônia (451).
- *Patrístico.* Normalmente, esse termo significa o ramo do estudo teológico que trata do estudo dos “pais” (*patres*) da igreja.
- *Patrologia.* Esse termo já significou literalmente “o estudo dos pais da igreja”, mais ou menos, da mesma forma que “teologia” significava “o estudo de Deus” (*theos*). Entretanto, em anos recentes, a palavra sofreu uma alteração em seu significado. Agora, ela se refere a manuais de literatura patrística, como aquele do célebre acadêmico alemão Johannes Quasten, que fornece a seus leitores fácil acesso às principais ideias dos escritores patrísticos e a alguns dos problemas de interpretação associados a elas.



Figura 1.1 A antiga cidade de Cartago